

As ações fundamentais

J. Roberto Whitaker Penteadó

Em bem-destacado artigo no Globo de 19.11.2001, sob o título Nossas Torres, o competente intelectual e político do PT, Cristovam Buarque, expôs algumas idéias tão instigantes quanto atraentes. À primeira vista.

Segundo CB, o presidente Bush conseguiu compor uma grande base de apoio ao seu governo graças à sua atuação no episódio do ataque terrorista de 11 de setembro. "Porque os EUA foram atacados e toda a população queria uma ação imediata contra os suspeitos daquele ato". Buarque considera positiva a "vontade do presidente para mobilizar situação e oposição na guerra que passou a comandar".

A partir daí, estabelece sucessivas comparações com o nosso atual presidente e o que considera "insensibilidade" do atual governo para perceber que todos os dias rebentam "torres sociais" no Brasil, "que permitiriam a unidade e a mobilização dos brasileiros na luta pela superação do quadro de pobreza que se mantém no país". E desfia exemplos, tirados de notícias recentes: um jovem que seqüestrou um ônibus, assassinou uma jovem e acabou assassinado por um policial; o homem que teve sua mão esquerda cortada por sua própria iniciativa, como forma de receber um seguro e pagar uma dívida de R\$ 900; os aviões que chegam ao Brasil para turismo sexual; o menino, de nome Jesus, que perdeu os dois olhos trabalhando com sisal.

CB critica o presidente e o governo por não ter seguido o exemplo de George Bush e, aproveitando cada uma dessas "torres sociais", ir à TV anunciar providências imediatas. As sugeridas? Apoiar o Fundo para o Combate à Pobreza, dar bolsas-escola, resolver os problemas do "povo endividado" (sic), devolver os aviões com turistas sexuais ao seu destino, dar respaldo financeiro às mães das meninas prostituídas e deslanchar uma guerra séria contra o trabalho infantil.

Mas vamos fazer uma análise mais atenta das propostas de Cristovam Buarque. Primeiramente, sobre a pretendida eficácia do presidente dos EUA no episódio do 11 de setembro.

Não resta dúvida de que Bush conseguiu unir o povo americano, conquistando elevados índices de audiência e apoio às medidas que tomou. Mas até que ponto resolveu o problema que se apresentou com a inesperada tragédia de NY?

Mais de 60 dias depois do ocorrido, o governo americano não conseguiu capturar o cidadão "suspeito" (como escreve CB) do atentado. Também não conseguiu embora não esteja sendo cobrado disso comprovar satisfatoriamente a culpa de Bin Laden, a quem se pretende capturar vivo ou morto. Toneladas de bombas caríssimas despejadas sobre uma das nações mais miseráveis do mundo (\$ 800 per capita por ano, menos do que Angola, Bangladesh, Burkina Faso ou Haiti) tiveram o efeito de desestabilizar o governo de uma facção para substituí-lo pelo de outra, sem qualquer garantia de que seja "melhor" para o povo e matar milhares de inocentes muitos deles despedaçados por bombas de fragmentação. Além disso, direitos e garantias dos cidadãos americanos, considerados essenciais, foram suspensos. Onde o resultado? Onde o sucesso?

Por indesejáveis que sejam as nossas "torres", apontadas por Buarque: sejam a insegurança e a criminalidade, seja a injusta distribuição de receitas, sejam a miséria e a pobreza que comprometem o futuro de nossas crianças, não é preciso ser partidário do atual governo nem acólito do nosso presidente-sociólogo para perceber que se tratam de problemas graves, cujas causas estão profundamente enraizadas na história do país e cujas soluções requerem mais muito mais do que ir à televisão falar com o povo e propor medidas, que, embora simpáticas e até populares são meramente paliativas.

Muito se tem falado, ultimamente em função dos próprios fatos aqui evocados sobre fundamentalismo. Na essência, o fundamentalismo é isso: a proposta de uma única solução, ou de um pequeno elenco de soluções aparentemente simples, para problemas complexos.

Antes e como o presidente Bush, outros governantes recorreram à mídia para propor ações simples e drásticas ao povo de seus países. Adolf Hitler é um exemplo. Conquistaram apoio, ganharam votos e tornaram-se populares. Levaram, também, suas nações à ruína. Assim, entre os acertos de nosso presidente que talvez não estejam sendo muitos acho que se inclui o de não ter sucumbido à tentação fácil de aparecer na TV para propor umas poucas soluções aparentes para os nossos muitos problemas reais.

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=450&ID=73>>.
Acesso em: 24 jul. 2009.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais